

O PROTAGONISMO FEMININO EM *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: O SUJEITO FEMININO COMO REFLEXO DE RESISTÊNCIA

Pablo Emmanuel Araújo Dias ¹

RESUMO

Neste trabalho, apresentaremos uma breve reflexão acerca do protagonismo das personagens femininas em *Ponciá Vicêncio*, romance da escritora Conceição Evaristo, abarcando as teorias que envolvem o feminismo negro e a interseccionalidade. Temos uma finalidade de proporcionar um debate sobre a cultura da mulher, visto que partiremos do entendimento de que esta obra traz, de maneira contundente, em seus escritos as marcas do feminino, além de uma crítica social às relações do poder falocêntrico, branco, colonial pelas quais é submetida em nosso país à mulher, especialmente, subalterna, negra, pobre. A escrita de Conceição Evaristo nos faz repensar a condição da mulher dentro de uma sociedade que ainda carrega traços do patriarcalismo, pois ainda se mostra machista e violenta contra elas. Com isso, queremos enfatizar como o romance discute a objetificação que essa mulher sofre na sociedade e na literatura. Para sustentar o que discutimos nesse trabalho, exploramos os conceitos mais atuais sobre o feminismo negro e a teoria da interseccionalidade.

Palavras-chave: Personagem feminino, Conceição Evaristo, Literatura Contemporânea Brasileira, Ponciá Vicêncio.

Introdução

O percurso de Ponciá Vicêncio, personagem que é foco da narrativa e também que dá nome ao romance da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, publicado pela primeira vez em 2003, pode ser encaminhada em uma dicotomia – alegria e tristeza – que surgem de um afastamento de seu espaço no mundo e de si mesma² em um processo de combinação de uma identidade negra e feminina.

A narrativa mostra o percurso de formação da personagem com uma constante preocupação em trazer informações em todos os aspectos dela desde o seu nascimento até a sua vida adulta. Perceberemos que o caminho em que a história é construída difere da habitual ascendência protagonizada por heróis e heroínas das narrativas tradicionais, uma vez que Ponciá nascida grande, declina, sofre talvez uma espécie de morte.

¹ Mestrando do Curso de Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba - PB, tipabloemmanuel@gmail.com;

² Hall (2011) sugere que o duplo descentramento do sujeito constitui uma “crise de identidade”.

A escritora faz uso da literatura como uma mulher forte e determinada para enfrentar o contemporâneo e reverenciar o protagonismo da mulher negra na elaboração de si e dos outros. Portanto, entenderemos esse romance como uma resistência e também como uma arma em defesa das mulheres negras, subalternas e pobres. E assim, podemos concordar com Calvino (2009, p.125) quando diz que “a literatura é necessária à política em primeiro lugar quando ela dá voz àquilo que não tem voz, quando dá um nome àquilo que ainda não tem nome, e especialmente àquilo que a linguagem política exclui ou tenta excluir.” O nome aqui é Ponciá Vicêncio: múltiplo, contingente.

Diante das várias reflexões em que o romance nos proporcionou, tivemos a empolgação em trazer este trabalho à tona para reluzir que há uma desconstrução das narrativas centradas na sociedade patriarcal, colonizadora, como por exemplo *Casa-grande e senzala*, do autor nordestino Gilberto Freyre, em que o texto marca a presença da mulher negra como potência e resistência capaz de apagar a ideia ocidental de sociedade. Sociedade esta que ainda oprime e violenta as mulheres, principalmente, negras. A mãe, mulher que ditava as ordens da casa, e a quem o marido assentia, é o espelho em que Ponciá quer se ver refletida. E diante dessa imagem em que a personagem tem o desejo de ser refletida podemos entender que o texto se mostra em um plano no qual há um protagonismo feminino que abraça a resistência e a luta de mulheres negras tanto dentro da literatura contemporânea brasileira quanto fora dela.

Destarte, refletiremos acerca do protagonismo das personagens femininas no romance *Ponciá Vicêncio*, escrito por Conceição Evaristo, abarcando as teorias que envolvem o feminismo negro e a interseccionalidade. A obra em destaque instiga-nos a discutir sobre a situação da população afro-brasileira, além de descentralizar, no âmbito da literatura brasileira, determinadas cristalizações, resultantes de um discurso dominante reiterante do mito da democracia racial.

Para que os objetivos estabelecidos neste trabalho fossem alcançados, fez-se necessário, em um primeiro momento, a leitura e fichamentos do romance e de textos que compõem a fortuna crítica do feminismo negro e da interseccionalidade. Para se relacionar com os objetivos propostos, no que tange a fortuna crítica, utilizaremos ideias defendidas por Spivak (2010), Dalcastagnè (2012), Collins (2012), Akotirene (2018), Ribeiro (2018), entre outros.

O trabalho foi organizado estruturalmente em três tópicos. O primeiro tópico traz um resumo do romance e apresenta a personagem principal já apontando um pouco do

seu protagonismo. No segundo tópico, apresentamos as teorias que sustentam a nossa discussão fazendo um elo com a obra, no que tange o protagonismo das personagens. Por fim, as considerações finais.

Conhecendo *Ponciá Vicêncio*: Obra e personagem

Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-de-catarro, das canas, do milharal. Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. (EVARISTO, 2003, p.13)

O romance de Conceição Evaristo enreda a vida de Ponciá, mulher negra e pobre, e descreve os caminhos, medos, esperanças e opressões que marcam a trajetória da personagem da infância à fase adulta. A busca pela própria identidade e pela compreensão da herança identitária do avô fazem parte da jornada da protagonista, que é descendente de ex-escravizados, e estabelecem um diálogo entre o passado e o presente da personagem através da reconstrução da memória.

Nesse sentido, uma das principais características do romance diz respeito à narração da obra, que se alterna entre o passado e o presente da protagonista, detalhando desde as primeiras lembranças, brincadeiras e fantasias à violência doméstica sofrida pela personagem em sua fase adulta. A narração apresenta não apenas a visão de Ponciá em dois momentos diferentes – infância e fase adulta –, mas também como a protagonista, já mais velha, repensa a visão de mundo que tinha quando criança. Esse repensar da personagem já se constrói de forma consciente o entendimento de alegria quando era criança até a tristeza na sua fase adulta. Entende-se que esse momento, enquanto adulta, só lhe traz tristezas por se entender que a opressão e dentre tantas outras violências imperam na sociedade contra as mulheres, negras e pobres.

A obra, composta por capítulos curtos, apresenta a trajetória de vida de Ponciá Vicêncio e de sua família: a mãe, Maria Vicêncio; o irmão, Luandi; o pai, cujo nome não é revelado; e o avô, Vicêncio. Apesar de ter sido escrita em terceira pessoa, a narrativa acompanha o processo de rememoração da protagonista, e, portanto, não obedece a uma linearidade cronológica, alternando, assim, entre diversos momentos da vida da personagem.

Em *Ponciá Vicêncio*, o herói romanesco dá lugar a um sujeito não apenas étnico, mas também gendrado, ao passo que a narrativa, em vez de se construir de modo linear, em que o herói atinge, no fim, o triunfo e o amadurecimento, é entrecortada e complexa, repleta de imagens negativas. Na história de Ponciá, nem a maternidade nem o casamento são o destino final da protagonista; pelo contrário, caracterizam-se mais como adversidades na sua trajetória do que como objetivos de vida.

Em relação aos passos de Ponciá no campo se dão em torno da relação com sua família, principalmente com seu avô, e com o barro.

Ponciá Vicêncio também sabia trabalhar muito bem o barro. Um dia ela fez um homem baixinho, curvado, magrinho, graveto e com o bracinho cotoco para trás. A mãe pegou o trabalho e teve vontade de espatifá-lo, mas se conteve, como também conteve o grito. Passados uns dias, o pai veio da terra dos brancos trazendo os mantimentos. A mãe andava com o coração aflito e indagador. O que havia naquela menina? Primeiro andou de repente e com o jeito do avô... Agora havia feito aquele homenzinho de barro, tão igual ao velho. (EVARISTO, 2003, p. 21)

Embora houvesse um vínculo da personagem com a família, ela mantém a vontade de migrar para a cidade, pois desejava romper com as relações de dominação e subalternidade em que vivia juntamente com seus familiares nas terras do Coronel Vicêncio. Para Ponciá a vida no campo somente lhe permitia e direcionava para uma manutenção de um *status quo*.

O pai e o irmão da protagonista trabalhavam na terra dos brancos e ela e sua mãe criavam objetos diversos, artesanatos, na terra dos pretos com o barro. A ocupação de Ponciá com o barro também é fundamental na sua vida e o afastamento dessa prática contribui para o seu isolamento quando migra para a cidade. O emprego do pai e do irmão nas terras do Coronel Vicêncio os distanciou de Ponciá e de sua mãe, uma vez que eles passavam longos períodos sem ir até as terras dos pretos. Após a morte de seu pai, não há uma aproximação ainda com o irmão, pois ele permanece trabalhando no mesmo local, mas depois segue também para a cidade em busca da irmã.

Cansada de viver somente com as memórias de seu cotidiano no campo, marcada pela solidão e pelo isolamento e entendendo que a cidade não lhe ofereceu as transformações que desejava, Ponciá decide voltar à Vila Vicêncio novamente para se reencontrar com seu mundo anterior.

Em resumo, o enredo do romance é a reconstrução de lembranças do passado que leva Ponciá da infância na Vila Vicêncio à partida em busca de vida melhor na cidade

grande; ao grande vazio em que se transformaria sua existência, e, finalmente à descoberta do que “devia fazer. Ia tomar o trem, voltar ao povoado, voltar ao rio” (EVARISTO, 2003, p. 123). A estrutura circular da narrativa é evidenciada pela repetição nas frases de abertura e fechamento de referências ao arco-íris, símbolo dos mistérios da natureza, recorrente no enredo.

O Protagonismo feminino em *Ponciá Vicêncio*

Ao analisar a vida da personagem Ponciá, percebe-se que ela quebra alguns estereótipos quando se fala do papel feminino. Desde a sua infância, Ponciá é aquela que, mesmo diante de suas tristezas e aspirações, não deixava de sonhar com uma vida melhor, tinha plena convicção de que aprender a ler e escrever lhe permitiriam conseguir melhores oportunidades, mas a sociedade marcada pelas desigualdades sociais, lutas de classe e pelo preconceito fez com que seu vazio fosse aumentado ainda mais.

Em sua vida adulta, Ponciá decide migrar-se para a zona urbano, ainda que muitos negros não tivessem contado uma experiência positiva com a cidade ela esperava que consigo seria diferente. Ao pisar na cidade ela conhece de perto as desigualdades de forma mais acentuada e sente na pele o que é uma mulher negra sair sozinha em busca de melhores condições de vida. Dessa forma, o fato de a autora trazer sua protagonista feminina para o centro urbano desconstrói um pouco do que era feito em sua maioria nos romances brasileiros, a mulher passa a adentrar no espaço antes ausente e narrar desde sua perspectiva como se constitui seu trajeto nesses limiares:

A cidade que se vai desenhando na narrativa brasileira contemporânea é, como já disse antes, masculina. Não temos a menor ideia de como as mulheres vêem o espaço urbano que se estende sob seus pés e se relacionam com ele. Elas se tornam, assim, invisíveis. São apagadas de nossas ruas, praças, prédios públicos - como se nada tivessem a fazer ali, como se nada tivessem a dizer da vida nesses lugares. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 124)

A escrita de Evaristo faz um elo da mulher com a cidade narrada desde sua ótica, o que permite visões muito mais detalhadas e específicas e a construção de um discurso crítico. Nesse sentido, de acordo com o que se discute no prefácio de Spivak (2010), a mulher intelectual se torna um ser potente, de auto representar aqueles que são, por muitas vezes, silenciados e estes o são pela sua condição de subalterna, quanto a isso a mesma autora traz no seu prefácio informações importantes do que seria esse sujeito subalterno:

[...] o que ela considera errônea apropriação do termo subalterno, que não pode ser usado para se referir a todo e qualquer sujeito marginalizado. Para ela, o termo deve ser resgatado, retomando o significado que Gramsci lhe atribuiu ao se referir ao “proletariado”, ou seja, àquele cuja voz não pode ser ouvida. O termo subalterno, Spivak argumenta, descreve “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 13-14).

É na zona urbana que Ponciá começará a questionar com mais frequência os dramas vividos pelas mulheres, especificamente a mulher negra. Desse modo, ela rompe com o papel que se é esperado pela sociedade podendo ser encarada como rebelde:

É nas jovens migrantes, mulheres pobres que se mudam sozinhas, sem pai ou marido, que podemos vislumbrar a rebeldia de algumas personagens femininas. Mas aí já se impõem outros constrangimentos – suas trajetórias são barradas por diferentes discursos, misóginos, racistas, anti-nordestinos, todos eles imersos no preconceito de classe. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 138)

O deslocamento da personagem da zona rural para a zona urbana na tentativa de adentrar nos espaços públicos, por vezes, as mulheres são encaradas com maus olhos, esta é uma ideia que no contemporâneo ainda precisa ser anulada, pois elas devem ser agentes ativas e não devem ser alcançadas pelos discursos moralizantes de controle por uma sociedade que tem traços do patriarcado. Há uma necessidade das mulheres, pobres, negras e tantas outras estejam presentes em primeiro plano da nossa sociedade e nos centros urbanos, pois necessitamos ter um retrato da vida, a partir daqueles que são esquecidos ou colocados em segundo plano e não como protagonista.

Evaristo, dá voz as mulheres negras possibilitando, assim, que as mesmas tomem consciência da opressão que vem sofrendo historicamente, pois são seres invisíveis quando analisamos a produção literária, neste caso e, de modo em geral, acerca disso, a escritora feminista estadunidense discorre que:

A invisibilização das mulheres negras e de nossas ideias – não apenas nos Estados Unidos, mas também na África, no Caribe, na América do Sul, na Europa e em outros lugares onde vivem mulheres negras – tem sido decisiva para a manutenção das desigualdades sociais. Mulheres negras que se dedicam a reivindicar e construir conhecimentos sobre mulheres negras costumam chamar a atenção para a política de supressão que seus projetos enfrentam (COLLINS, 2019, p. 6).

Assim, ao trazer Ponciá Vicêncio para o protagonismo, Evaristo tira-a dessa subalternização e silenciamento, colocando-a em primeiro plano, mostrando suas lutas, causando desconforto, pois estamos inseridos em uma sociedade capitalista e que, como

é o seu papel, opera em todos os sentidos para que as desigualdades sociais se reproduzam continuamente. Dessa forma, a escritora em questão, engloba no Brasil especificamente, o grupo de mulheres negras intelectuais que nos permite através de suas obras refletir sobre esse contexto de opressão e desigualdades que ainda permeia, de forma muito forte, a sociedade brasileira. Inclusive ajuda a “Pensar como as opressões se combinam e entrecruzam, gerando outras formas de opressão, é fundamental para se pensar outras possibilidades de existência” (RIBEIRO, 2016, p. 100).

Para que as mulheres negras saíssem um pouco da marginalidade o Movimento feminista negro teve um papel de extrema importância nesse sentido, o que permitiu consequentemente mais visibilidade de suas necessidades e pautas, pois, como afirma Ribeiro (2016, p. 101):

A invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que essa mulher não tenha seus problemas sequer nomeados. E não se pensa saídas emancipatórias para problemas que sequer foram ditos. A ausência também é ideologia. Muitas feministas negras pautam a questão da quebra do silêncio como primordial para a sobrevivência das mulheres negras.

Portanto, Conceição Evaristo sendo diretamente engajada nesse movimento traz através de sua personagem Ponciá pautas interessantes a serem pensadas a respeito desses sujeitos, quebrando o silenciamento propagado ao longo de nossa história e rompe com a ausência de um olhar étnico-racial, não se calando diante dos opressores. Por isso, vale ressaltar de acordo com mesma autora que “Numa sociedade de herança escravocrata, patriarcal e classista, cada vez mais torna-se necessário o aporte teórico e prático que o feminismo negro traz para pensarmos um novo marco civilizatório.” (RIBEIRO, 2016, p. 102).

Outro ponto importante que pode ser discutido neste tópico, embora seja brevemente, é a interseccionalidade, pois há um elo de ideias que foram apresentadas nos parágrafos anteriores. A interseccionalidade aparece indiscutivelmente na obra em análise. Esse conceito sociológico, que estuda as interações nas vidas das “minorias”, para dar conta das diferentes formas de dominação ou de discriminação salta a cada texto lido, a cada atuação da escritora. As questões de raça, gênero e classe estão nitidamente presentes na sua escrita.

Ribeiro chama atenção para a resignificação das identidades, a interseccionalidade abre espaço para essa reflexão, até para oportunizar o tempo-espaço de fala e de propagação das vozes e proporcionando a visibilidade.

A interseccionalidade surge, nesse sentido, como uma teoria que traz para a discussão múltiplos sistemas de opressão, em questão: raça, gênero e classe. Carla Akotirene (2018) nos diz que: demarca paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatadas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras. (AKOTIRENE, 2018, p. 54)

Como podemos perceber no percurso desse trabalho, o romance em questão aborda variadas temáticas para se pensar a respeito da mulher negra e um dos aspectos levantados é em relação a violência contra esses sujeitos, sabemos que ainda existe um índice muito alto no Brasil de casos onde as são violentadas e tem seus direitos violados, sendo um cenário já bastante antigo. Sobre esse aspecto nos reportamos a Ritt, Cagliari e Costa, citadas por Balisa e David (2017, p. 77):

A violência cometida contra a mulher é um fenômeno histórico que dura milênios, pois, a mulher era tida como um ser sem expressão, uma pessoa que não possuía vontade própria dentro do ambiente familiar. Ela não podia sequer expor o seu pensamento e era obrigada a acatar ordens que, primeiramente, vinham de seu pai e, após o casamento, de seu marido.

Nesse contexto, a personagem Biliza, uma mulher negra que veio da zona rural para a zona urbana que acaba se envolvendo no mundo da prostituição com objetivos de conseguir juntar dinheiro de uma forma mais rápida acaba sofrendo diversos tipos de violência. A primeira é a verbal quando em certo momento um homem a desrespeita com xingamentos “Um dia, um homem enciumado chamou Biliza de puta. A moça nem ligou. Puta é gostar do prazer. Eu sou. Puta é me esconder no mato com quem eu quero? Eu sou. Puta é não abrir as pernas para quem eu não quero? Eu sou” (EVARISTO, 2017, p. 84). Percebemos, a ideia da mulher como objeto, que está ali para satisfazer os desejos e anseios masculinos, mas ao mesmo tempo certa compreensão por parte de Biliza de que não estava obrigada a se submeter a tal situação sendo convicta de seu valor. E sobre esse valor, entende-se de protagonismo e resistência da mulher. Apesar de ser mínimo esse protagonismo, de fato, acaba entendendo que quem manda em sua jornada é ela mesma.

A violência sofrida pela personagem Biliza, infelizmente, não se limita ao imaginário da literatura, cotidianamente, as mulheres brasileiras, especialmente negras e pobres, são vítimas de violências psicológica, política, social e física. Embora as mulheres

já tenham adquirido muitas conquistas na sociedade contemporânea é evidente que ainda existe um caminho longo a se seguir, pois as diversas maneiras de inferiorizá-las, os altos índices de crimes de feminicídio permanecem fortemente enraizadas na nossa cultura que foi estruturada a partir do racismo estrutural, do patriarcalismo, do machismo e da misoginia.

Destarte, o romance *Ponciá Vicêncio* é um exemplo contundente de literatura produzida, cujo fascínio da autora com as palavras, deixa-nos transparecer um texto forte e sensível sobre a relação existencial da personagem com o mundo e, conseqüentemente, com as pessoas ao seu redor. Não é simplesmente uma história de mulher negra, até porque as histórias de mulheres negras não carregam fôlego na simplicidade e, sim, na complexidade de seus significados. É uma história fundada na memória da autora³ e transportada para as memórias da personagem Ponciá que se alastra por ramificações contínuas de idas e vindas num belo e incessante passeio por cada lembrança rememorada e trazida para a narrativa.

Considerações finais

Em *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo retoma passagens dolorosas da história afro-brasileira, construindo imagens que denunciam os resquícios do regime escravocrata do período pós-abolição, que têm contribuído para uma permanente imagem negativa do negro. A trajetória de Ponciá em busca de autoconhecimento em que passado e presente se misturam entre divagações e recordação, fazem-nos refletir sobre o preconceito e exclusão social em que ainda vivem os afrodescendentes.

É importante ressaltar que o panorama da literatura brasileira há uma lacuna nas vozes de certos grupos sociais. Mulheres e negros foram deixados à margem da sociedade, sobretudo, da literatura brasileira, devido ao sistema de relações de poder de nossa cultura, que evidencia e coloca no pedestal a fala do homem branco, e, especialmente, de classe média.

Conceição Evaristo é uma importante escritora e muito atuante de um lugar de fala muito específico e apagado de nossa história, o da mulher negra. Duplamente rebaixada socialmente, primeiramente, pelo corpo feminino, e, depois, pela cor da sua

³ Evaristo cunha o termo *escrevivência* para nomear uma escrita que se mescla com a sua vivência, com o relato das suas memórias e das de seu povo.

pele, Evaristo surge como um ar fresco diante de um espaço construído tão exclusivamente para homens brancos: o da literatura.

Trazendo a obra à tona, principalmente, a reflexão sobre o protagonismo da personagem principal, podemos entender que a mulher negra (re)encontra a sua ancestralidade e adquire resistência para sobreviver às mazelas cotidianas. Portanto, nessa perspectiva, em *Ponciá Vicêncio*, obra analisada neste estudo, percebemos o protagonismo feminino e a possibilidade que Evaristo transluz às suas personagens de engendrar a trajetória da sua própria história, e também a do seu povo. Apesar de ser fruto de um processo escravocrata, identifica-se que há, na construção das personagens, as marcas da condição desigual e marginalizada. Contudo, além disso, a autora aborda o anseio das suas personagens em retomar o protagonismo das suas vidas, libertando-se dos estereótipos impostos pela sociedade.

Referências

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?**. São Paulo: Pólen, 2019. E-book.

BALISA, Fernanda Francisca; DAVID, Nismária Alves. A violência contra a mulher negra no conto “Maria”, de Conceição Evaristo. **Litterata**. Vol. 7, n. 1, p. 72-82, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/1478> Acesso em: 10 nov. 2022.

CALVINO, Ítalo. **Usos políticos certos e errados da literatura**. In: Assunto encerrado – discursos sobre literatura e sociedade. Companhia das letras, 2009.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. Trad. Jamile Pinheiro Dias. Editora Boitempo, 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Sur** 24. v. 13. n. 24, p. 99-104, 2016. Disponível em: <http://www.unirio.br> Acesso em: 14 novembro. 2022.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Trad. Sandra R. G. Almeida et al, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.